



Amadoras de canto: Snr.^o D. ORISA DA SILVEIRA

N.º 373 Lisboa, 14 de Abril de 1913

assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

600, 4800—Semestre, 28400—Trimestre, 13200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Dirétor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRACA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, têm tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes quaes os destinos que as suas capacidades lhes permitem e de que modo poderão atingir o seu exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos e descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descreção que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha de auxilio. E tudo quanto ele precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escrito pela propria mão d'ella), a data do nascimento e a declaração do sexo. E' escusado mandar umheiro. Citem o nome d'esta jornal e obterão uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto far quizer aproveitar este offerimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome, apelido, morada e data do seu nascimento (dia, mez e anno, tudo bem claramente escrito e explicado), quer seja senhor, senhora ou menina, solteira, coplando tambem pela sua letra os versos seguintes:



Que das milhares de que nos dizem
Que daes conselhos sem par:
Para atingir a ventura,
Quereis-me o caminho ensinar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pôde juntar ao seu pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (500 réis em estampilhas brasileiras) para desportar de porte e d'escritorio. Dirija a sua carta a Clay Burton Vance, Suite 2069, E., Palays Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franqueadas com 50 réis moeda portugueza (ou 200 réis-moeda brasileira).

MEDALHA DE OURO EXPOSIÇÃO UNIVERSAL
PARIS 1900



Perfume
exquisito
DIVINIA

Parfumerie F. Wolff & Sohn
Karlsruhe

Um perfume tao tssimo de inexcédível aroma n'um frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa. Propria das fabricas do Prado

riana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Margaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Um deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papeis mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depósitos*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Marçal

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephónico: **Lisboa, 605 — Porto, 1000**

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Comprem os Bordados

Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio e rectamente da Suissa

BLUSAS

Desde frs. 5.80



VESTIDOS

Desde frs. 11

VESTIDOS PARA CRIANÇA

Desde frs. 6.75

o melhor bordado suizo, sobre batiste, voile, tulle, crêpon, marquissette, lã e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINGS FRANCO.

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem costurar mas enviamos os padroes cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem se pedir.

SCHWEIZER & C^{ie}

LUCERNE A 22 (Suissa)



Comprem as Sederjas

Schweizer



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Etonne, Voile, Foulards, Messaline, Mousseline, 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tulle e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte no domicilio.

Schweizer e C^a, Lucerne E 11 Suissa

Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.

O PREÇO DA FELICIDADE

Quando Maria Ana, apartando-se do leito onde a filha dormitava, prostrada por uma febre intensa, se aproximou pela terceira vez da janela, creu divisar ao longe duas pequenas luzes que ora tremeluziam como brasas, ora se apagavam, na escuridão profunda do vale, acusando a marcha d'uma carruagem nas curvas serpentinadas da estrada que cortava a povoação.

Um sobresalto de esperança electrizou-a.

—Será ele, afinal?... —murmurou.

Na penumbra do quarto, meio oculta pelas cortinas da janela, interrogando ansiosamente o silencio e o misterio d'essa negra noite de novembro, parecia uma amante a quem a impaciente sêde de um beijo esperada escaldasse de ciúmes. Durante alguns minutos, o seu olhar vigilante, quasi aggressivo, seguiu na sua linha caprichosa a marcha das duas luzes longinquas; houve mesmo um instante em que, colando o ouvido á vidraça borrifada de orvalho, esperou surpreender o

trinta annos. Alta, todo o seu corpo parecia mover-se ao ritmo d'uma estranha melodia. A graça dos movimentos era sem duvida o encanto mais vivo d'essa admiravel estatua de mulher. E, apesar das linhas puras do seu perfil de madona, da nevoa de sofrimento que velava os seus olhos, do perfume de castidade que a envolvia, a sua beleza sensualizava fortemente.

O ruido da carruagem quebrou por fim o silencio da noite. Maria Ana correu de novo á janela. Fóra, na calçada, um homem descia já d'um fragil carro de passeio, a brasa de um charuto sangrando sob a aba derrubada do chapéu de feltro.

—Emfim! —murmurou Maria Ana.

Uma velha serva appareceu á porta, alvoroçada:

—E' o senhor doutor, minha senhora!

—Que entre! Conduza-o!

Emfim! Esse medico, toda a tarde esperado debalde, chegava finalmente! Vinha da cidade—e fóra sem duvida essa jornada de dez kilometros, ao trote d'um cavallo fatigado, que causara tão grande demora.

A creança, que adoeceu repentinamente dois dias antes, fóra tratada, a principio, pelo antigo medico do logar, o Dr. Ramires; mas como este clinico tinha partido logo em seguida para Lisboa, chamado pelos seus deveres de deputado, Maria Ana pedira-lhe que na sua passagem pela cidade encarregasse um colega competente de o substituir no tratamento da doente.

Esse medico desconhecido chegava agora. Maria Ana ouvia já os seus passos no corredor, e a sua esperanza, fortalecida por esse socorro, acendia um reflexo mais vivo nos seus olhos anciosos. Correu a abrir a porta do quarto:

—Depressa, doutor!

Ele entrou. Era um homem ainda novo, o rosto tostado, o olhar fugidio,

e a face biliosa mordida por uma barba desalinhada e aspera. A cabeleira crespa a custo lhe deixava, sobre os arcos cerdosos do sobrolho, uma escassa e rugosa testa de homem obstinado.

—Boa noite! —rosnou frouxamente, entrando.

Maria Ana, em frente d'ele, interpelou-o com vivacidade:

—O dr. Ramires já lhe explicou tudo, não é verdade? Ha dois dias que uma febre atroz consome esta pobre creança... Ninguém sabe o que é... Ele mesmo não teve tempo de fazer um diagnostico seguro. A principio falou em uma febre gastrica, depois...

Suspendeu-se, de subito, com um estremeccimento, vendo cravados em si, n'uma immobildade de assombro, os olhos do medico.

—E' curioso! —exclamou ele, por fim, com um sorriso—só agora a reconheci!

Maria Ana balbucou:

—Ah, sim... Eu tambem...

—Oh, a sua hesitação é logica! Com effeito, não deve ser facil reconhecer em mim aquele ingenho Lucia-no que...

Ela atalhou, com precipitação:

—Sim, está bastante mudado.



ruido da carruagem no silencio da noite aldeã... —E era a sua mão branca, de longos dedos nervosos, que melhor traduzia a angustia da sua impaciencia, dilacerando n'um movimento regular e distraido os flocos de renda d'uma cortina.

Um gemido, saindo do ninho de alvas cambraias onde jazia a creancinha, arrancou-a bruscamente áquella expectativa anciosa. Reentrou no quarto, quasi correndo:

—Estou aqui, meu amor! Estou aqui!

Mas, curvada sobre o leito, não achou o olhar que procurava,—e os bracinhos, que d'antes se erguiam para acolhê-la, ficaram imoveis, ao longo do corpinho magro, como os braços d'um cadaver.

Perdida a esperanza que a atraira, Maria Ana ficou um instante quebrantada, sem se mover, como acompanhando a creança no seu letargo sinistro. A luz branda d'uma lampada envolvia-a amorosamente. Devia ter

— Não sucedeu o mesmo consigo. Encontro-a com a mocidade e a beleza de outr'ora. Parece que a deixei hontem e, contudo, há já dez anos que não nos vëmos!

Novamente ela o interrompeu:

— Quer vêr a pequena?

Ele pareceu despertar:

— Certamente! — E, com um sorriso amargo: — Não vim aqui para outra coisa.

Ainda distraído, aproximou-se do leito e curvou-se sobre o corpo inanimado da creança doente. Maria Ana, observando-o, revivia as horas distantes em que esse homem atravessara a sua vida. Tinha então 19 anos. Pela sua beleza sã e delicada, pelo encanto que se desprendia da sua figurinha de adoração, era então a mais cortejada rapariga da pequena cidade provinciana onde nascera. Luciano, que concluiu o seu curso medico na Escola do Porto, vira-a um dia n'um campo de tennis, alegre, fresca e linda como o ramo de cravinas que trazia à cinta — e, ao beijar-lhe a mão desprendida à pressa da raqueta, sentiu-se para sempre escravo do sorriso que o acolheu. Amou-a. Ela, quasi noiva já do homem com quem depois casára, tinha-se esquivado com compadecida firmeza. Luciano não desistiu, perseguiu-a; e uma noite, tendo obtido com ameaças um encontro secreto para se definir a situação de ambos, tentou possuí-la à força, n'uma demencia de ciúme e de desejo. A recordação d'essa luta humilhante, de que ele saíra para sempre vencido e aviltado, ainda agora confrangia o coração de Maria Ana. — E era d'esse homem que agora dependia, talvez, a vida da sua filha!...

Enervada pelo mutismo do medico, inquiriu em voz debil:

— Ha perigo?

Ele ergueu os olhos com a calma de um homem a quem os sofrimentos humanos já não comovem.

— Alguem — respondeu. — Preciso de receber.

E, enquanto escrevia:

— Aqui na aldeia ha alguma farmacia?

— Não. A mais proxima dista três quilometros. Mandá-la o hortelão.

Ele acabava de assinar a receita. Ergueu-se — e, sem olhar para Maria Ana, relendo mentalmente o que escrevera, disse:

— Se quer, encarrego d'isso o meu cocheiro. O carró está á porta; é um instante... O seu hortelão não apparece cá antes de duas horas.

— Mas...

— Se lhe desagrada ter-me alguns minutos na sua companhia, pode deixar-me só! — atalhou ele, com rudeza.

Sem responder, ella tomou a receita e saiu. Quando reentrou, instantes depois, Luciano examinava absorvadamente uma fotografia que encontrara entre os pequenos objetos de decoração do gabinete.

— O cocheiro já partiu... — murmurou ella

O medico voltou-se, momentaneamente sobresaltado.

— Ah, bem! — Depois, mostrando-lhe a fotografia: — E' recente, este retrato de seu marido?

— E'. Recebi-o ha dias de New-York.

— Ah! Ele está na America?

— Não; deve estar em viagem...

— De regresso?

— Sim.

Houve um silencio. Maria Ana, enervada pela persistencia do olhar que a envolvia, julgou ouvir um suspiro da creança doente, e correu para junto do leito. Elle seguiu-a, num passo moroso — e, com uma familiaridade que a fez estremecer, tornou:

— Teve má inspiração quando escolheu um marinheiro para marido!... — Como ella não respondesse, continuou: — Ter um marido marinheiro equivale a ter um amante que se aborrece com frequencia do amor... Hoje, a felicidade, os beijos que apagam maus pensamentos, as caricias que amparam illusões; amanhã, o isolamento, o receio da viuvez completa, o ciúme dos amores passageiros que ao longe adoçam a existencia errante do homem amado...

Maria Ana teve uma reacção de orgulho. Friamente, sem traír á angustia que confrangia a sua alma, perguntou:

— Será demorada a cura da pequena?

— Talvez. Não posso ainda responder-lhe com segurança. — E, quasi sem transição, continuou: — Desde que nos reconhecemos, ha instantes, a senhora não perde ensejo algum para me lembrar que eu não sou aqui mais que um medico...

— Que mais poderia ser?

— O que sou e serei sempre: — o homem que desprezo. Mais do que isso: — o homem que a amou e ama ainda!

— Esse homem não existe ao lado d'uma mãe que sofre como eu soffro n'este instante!

— Ha mais de 10 anos que soffro por sua causa, Maria Ana! Esta velhice prematura, que ha pouco me fez quasi irreconhecivel a seus olhos, é obra sua! Para fugir ao espectáculo da felicidade que seu marido me roubou, quasi me expatriei. Não ha ainda um mez que regressé da Africa. E sabe para que?... Para morrer!

— Para morrer?! — exclamou ella. E um sorriso de amargura, quasi despresiva ironia, contraíu a sua boca pura.

— Não rial Isto não é romance! Não morrerei a seus pés, n'um lance de paixão tragica, definhado pela dor ou ferido por um golpe de suicidio teatral. Não. Morrerei trivialmente, desinteressadamente, do aneurisma que agora, em quanto lhe falo, sob a comoção inesperada d'este encontro, está crescendo e apressando mais que nunca o fim d'uma vida triste.

Maria Ana compadecceu-se:

— E' verdade, isso?

— Porque lh'o diria eu, se não fosse?

Ella estendeu-lhe a mão, já sem receio, como a um condenado:

— Meu pobre amigo, a vida é bem cruel, ás vezes!

Depois d'essa noite inquietadora, as visitas de Luciano repetiram-se diariamente, durante uma semana. Entretanto, apesar da persistencia e dos cuidados do tratamento, a creança não melhorava. Luciano, apertado pelas alarmadas perguntas da mãe, falou vagamente em uma crise que era forçoso esperar ao fim de dez dias. Quando esse praso expirou, a visita foi mais demorada. Sombrio, em silencio, ao lado da creança, esperou longamente o effeito de um medicamento que lhe fizera ingerir.

A noite caíra já — e, no silencio d'aquella expectativa, o murmuro de um pinhal proximo, acoutado pela ventania, dava á alma aflita de Maria Ana a impressão de um mar imenso e misterioso que avançava para destruir o seu lar...

O medico, de relógio na mão, voltou-se de subito e disse:

— Preciso falar-lhe de modo que ninguém possa ouvir-nos.

Ella empalideceu, interdita.

— Mas então...?

— Não ha tempo a perder! — atalhou elle, com veemencia.

Aturdida, Maria Ana afastou o reposteiro que velava a porta d'uma sala contigua e desapareceu. O medico seguiu-a — e quando ella, ainda desorientada, procurava acender um candeeiro, tomou-lhe bruscamente a mão em que a chama do fosforo vacillava. Maria Ana nem teve tempo para se revoltar. A voz de Luciano, na obscuridade, soou-lhe logo ao ouvido — tão proxima que o ardor do seu halito lhe deu quasi a impressão de um beijo:

— Sua filha está morrendo...

Um brado de loucra interrompeu-o.

— Quê?!...

— Eu posso salvá-la... Mas só a salvarei com uma condição.

Maria Ana recuou, apavorada; elle, porém, atraiu-a novamente a si — e, n'uma voz que o amor e o odio envenenavam igualmente, segredou-lhe:

— Dá-me o teu amor; dar-te-hei a vida de tua filha!

Ella, meio desfaldecida, gemeu:

— Cobarde!

— Não é cobardia; é justiça! Quero o meu quinhão de felicidade! Só tu podes dar-m'o! Faça-te soffrer para o obter? Bem o sei! Mas tu, para alcançares a felicidade que até hoje tem doirado a tua vida, não destruíste inexoravelmente a minha?... Agora mesmo, sabendo que a emoção de vêr-te me leva todos os dias uma parcela de vida, é ainda a tua felecidade que me pedes, porque outra coisa não é a resurreição da tua filha!

Sufocada, perdida na sombra, Maria Ana torcia as mãos com desespero:

— Mas que culpatoenho eu em não o amar? Pode algum, acaso, amar quem quer?... Luciano, supplico-lhe, seja generoso! Essa creancinha é inocente de todos os nossos erros, de todas as nossas dores!... Salve-a!

Elle retrocedeu para a porta do quarto da doente; e, afastando o reposteiro, olhou á claridade da lampada o seu relógio.

— Tem vinte e tres minutos para decidir! — preveniu,

voltando-se para ela. — Passado este tempo, nada poderei fazer.

O reposteiro caiu — mas ele ficou ainda um instante junto da porta, escutando. Depois, enervado, aproximou-se da creança, tateou-lhe o pulso — e, olhando mais uma vez o relógio, atravessou o quarto e desapareceu entre as cortinas da janela.

Quando alguns minutos depois reentrou, viu Maria Ana arrimada á hobreira da porta, os olhos cerrados, o seio tumido de soluços recalçados, marmorizada por uma palidez de morte.

Sem piedade, acercou-se d'ela:

— Tem só dezoito minutos!

Uma só palavra, apagada como um sopro, lhe respondeu:

— Cobarde!

Sentado ao lado do leito, ele esperou. Excitado por aquela luta criminoso, levava de quando em quando a mão ao peito, respirava com força, como para medir a extensão da vida que vivia...

Como Maria Ana continuava imóvel, ele começou a recolher em um estojo alguns frascos e instrumentos que á chegada d'outra dispuzera aparatosamente na pedra de um tucador. Ao ruído com que ele procurava chamar-lhe a atenção, Maria Ana descreveu as palpebras sobresaltadamente — e, um momento indecisa, interpelou-o a final com um brado aggressivo:

— Onde vae?

— Retiro-me. Faltam só quatro minutos.

Ela avançou, vacilante, arrimando-se aos moveis:

— Não ha, então, nada que o comova?... E como ele, sem responder, fechava já o estojo: — E' bem certo que a minha filha está em perigo?

— Passados dez minutos, não haverá meio de a salvar. Antes de duas horas estará morta.

Um relampago de demencia coriscou no olhar de Maria Ana.

— Pois bem; salve-a e...

— Será minha?...

— Sim... — gemeu ela.

— Jura? Jura pela felicidade de sua filha?

— Juro... — e a sua voz semelhava um hausto de agonia.

Nos primeiros dias de Dezembro, a pequenina Julieta, já curada, dava o primeiro passeio, com sua mãe, na estrada solitaria que atravessava a aldeia, quando Luciano lhes appareceu subitamente. Durante a convalescença, as maneiras do medico tinham-se adoçado pouco a pouco, ao contacto da viva e confiante amizade com que a creança o festejava. Maria Ana seguia com um sobresalto de esperança essa evolução sentimental, e começava a crer que ele, arrependido, jamais lhe exigiria o cumprimento da infamante promessa que lhe arrancara.

N'essa tarde, vinha como de costume afavel e sorridente; mas apenas a creança, atravez das suas verbias indiscretas, lhe noticiou a proxima chegada do pae, que n'esse dia desembarcara em Lisboa, o seu olhar entenebreceu-se; e mais tarde, ao despedir-se, foi com a rudeza brutal de out'ora que segredou a Maria Ana: — Sua filha está salva. Espero-a amanhã em minha casa.

— Oh, Luciano!... Esqueça essa horrivel promessa!...

— Já a esqueci durante muito tempo. Vindo aqui todos os dias, vivendo algumas horas entre a senhora e sua filha, realicei quasi a ilusão do lar que um dia sonhei... Era uma parcela de felicidade bem tenue, mas eu contentava-me com ela. Agora, que seu marido vae voltar, tudo acaba. Esse homem, que eu odeio, vem roubar-me, pela segunda vez, o meu quinhão de felicidade. Pois bem! Roubar-lhe-hei tambem uma parte do d'ele! Amo-a Maria Ana! E é como um amante que a espero amanhã em minha casa!

Partiu sem esperar resposta. Maria Ana, aterrada, não dormiu nessa noite. Devia cumprir a promessa

odiosa? Seria imperdoavel um perjurio de mãe que salva o seu filho innocente?...

No seu cerebro em febre os mais inconciliaveis pensamentos luziam e desapareciam como fogos fatuos. Contudo, na manhã seguinte, apesar de extenuada por essa insonia horrivel, a sua perplexidade desvanecera-se. Uma resolução de vitima heroica estancara nos seus olhos as lagrimas que durante toda a noite os tinham queimado.

Luciano, envelhecido tambem por uma insonia atroz, esperava-a. Estava mais falido que de costume, quasi



livido — e, afundado em uma poltrona, com o olhar parado, a respiração ansiosa, ninguém julgaria um amante que espera uma entrevista suprema.

A sua concentração era tão profunda, que nem adivinhou o gesto brando que abriu a porta do gabinete. Era Maria Ana.

Hirta, vestida de luto, sem joias, como uma figura de pesadello, deteve-se e exclamou:

— Aqui estou!

Ele ergueu-se, estonteado, com um grito:

— Maria Ana!

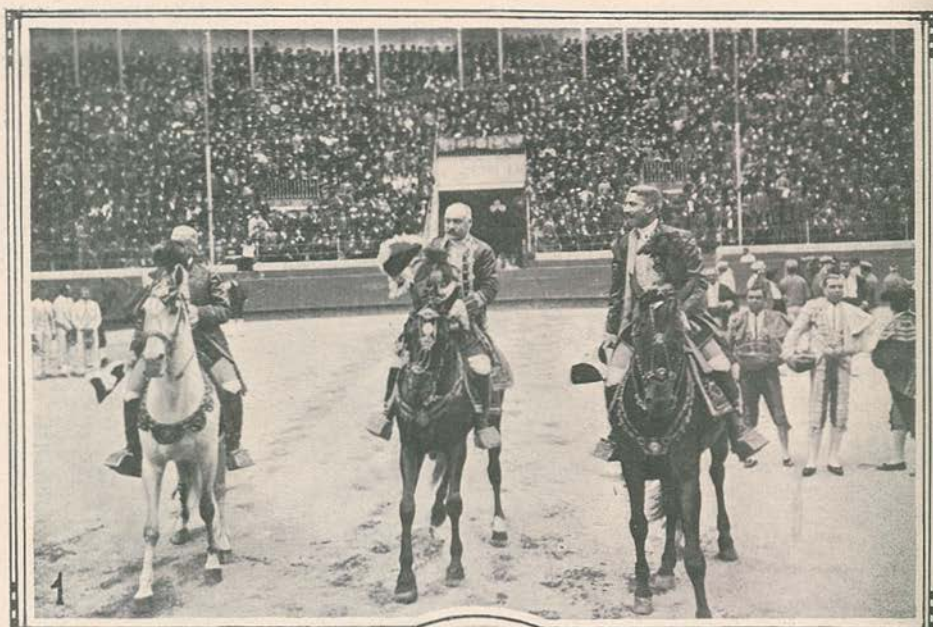
Correu para ela, de mãos estendidas, n'um gesto que era mais de supplica que de posse — mas logo vacillou. Amparado a uma meza, ainda rouquejou outra vez:

— Maria Ana!

Depois, o seu corpo dobruu-se, como um fardo desfeito, e tombou pesadamente. O aneurisismo sufocara-o. Estava morto.

D. João de Castro.

Reaparição dos Cavaleiros Casimiros



Foi um dia de grande preocupação para Lisboa aquele em que os cavaleiros Casimiros reapareceram na praça do Campo Pequeno. Faziam-se suposições tetricas sobre um conflito sangrento de opiniões; receava-se o embate temeroso de duas ondas, uma a favor, outra contra. E, entretanto, toda a gente



tros por questão de simpatia ou de antipatia; mas muitos tambem pela fascinação magnetica que o perigo exerce sobre a nossa imaginação de meridionaes.

Não havia vago um logar na vasta praça. Numerosos espectadores ficaram de pé nas ultimas bancadas de traz. Fremitos de impacien-



1. As cortezias: Manuel Casimiro, Fernando Ricardo Pereira e José Casimiro.—2. O cavaleiro José Casimiro oferecendo a primeira sorte da tarde ao seu amigo, o revolucionario sr. Americo d'Oliveira.—3. Uma boa farpa do cavaleiro José Casimiro.

foi aos touros no domingo, 6; a praça encheu-se como raras vezes a temos visto. Muitos iriam, levados pela paixão do verdadeiro toureiro, tão decaído entre nós; ou-

cia percorriam por vezes aquele oceano de gente, que recaía, a intermitencias, n'uma d'essas calma-rias solenes, percursoras quasi infalíveis das grandes

tempestades. Parecia que o primeiro grito que rompesse, o primeiro gesto vivo que perturbasse aquela quietação magestosa, seria o sinal de um desequilíbrio pavoroso, como o desmoronar de uma grande mole arquitetónica, a que de subito faltasse a pedra angular.

E esta tensão aguda dos espiritos não tardou a explodir. Vibra o clarim, abre-se a porta da praça, entra todo o pessoal da lide para as cortezias, aparecem final-

nhou-a quasi toda, envolvendo-a n'um empolgante movimento de simpatia e de justiça, porque, se o povo português tem um fundo sentimental, que o torna bastante impressionavel, tambem tem um espirito de justiça e de cordura, de que ele sabe dar belas provas nas grandes ocasiões, ás vezes quando menos se espera.

E toda a tourada foi cortada de quentes manifestações. Se houve um incidente desagradavel dentro da



1. Uma sorte do cavaleiro Fernando Ricardo Ferreira.—2. O cavaleiro José Casimiro agradecendo os aplausos do publico.
(Clichés de Benoitel)

mente os cavaleiros Casimiros. A tempestade, que se acastelára durante hora e meia, desencadeou-se loucamente, mas uma tempestade de palmas, de vivas e de bravos. Ao ondular impaciente das cabeças sucedeu-se uma agitação frenética de lenços, de chapéus, de braços comovidamente estendidos. Havia tambem lagrimas em muitos olhos.

Sem duvida que uma parte dos espectadores iria mal impressionada ou mal disposta; mas o calor geral ga-

praça e outro cá fóra, á saída, foram eles os frutos próprios da heterogeneidade das grandes multidões, em cujo seio um pequeno desaguisado pôde tomar as proporções que toma uma centelha caída n'um meio inflâmavel.

Mas felizmente não tomaram essas proporções os dois incidentes; nem mesmo outras que se pudessem registar como uma nota que desvalorisasse o que se passou de belo, no dia 6, na praça do Campo Pequeno.



A tuna de Coimbra que, como noticiámos, fez uma excursão de recreio, destinada a um fim beneficente, á ilha da Madeira, foi ali recebida com as mais efusivas e entusiasticas demonstrações da parte dos seus habitantes, sempre briosos em receber os seus hospedes.

O Ateneu Commercial do Funchal não podia ser mais gentil para com os academicos, já proporcionando festas em

sua honra, entre as quaes belos baillados regionaes, mas ainda promovendo uma soberba visita á Cancela, á quinta do Palheiro Ferreiro. d'onde seguiram para Balançal, tecendo todos os maiores elogios a quem tão delicioso passeio lhes offerencia e arrebatando-se diante das belezas inumeras da paisagem realmente deslumbrante. Por todo o percurso os automoveis eram cobertos de fiô-



1. O presidente do Ateneu, sr. José Maria das Neves ◊, saudando os academicos quando no «lunch» da Quinta do Sol em Palheiro Ferreiro.—2. Digressão ao Palheiro Ferreiro: Chegada ao retiro da Cancela.
(Clichés do sr. C. Ferreira)



res pelos habitantes entusiasmados diante d'aquela mocidade, que se ia divertir, pensando, todavia, nos seus condiscipulos pobres para quem se destina o produ-



to d'essa tournée pela ilha da Madeira. Durante muito tempo não se poderá apagar da lembrança dos visitantes o acolhimento magnifico do Ateneu do Funchal.



1. Recção na terrace do Ateneu Commercial do Funchal, quando á volta de Palheiro Ferreiro: Os bailados á moda da ilha.—2. A volta da excursão.—3. Partida dos estudantes para Palheiro Ferreiro em ógressão promovida pelo Ateneu Commercial do Funchal.

PEÇAS NOVAS



Lopes de Mendonça, trabalho bem teatralizado passado entre humildes, e «Duelo d'amor», do sr. Silva Tavares, que constitue a sua



No Teatro Nacional representaram-se tres peças n'um ato cada uma, dos srs. André Brun, intitulada «Codigo



estreja no teatro e que é uma peçassinha doce e ingenua, onde perpassam enternecedoras notas sentimentaes.

Essas obras mereceram o aplauso do publico e demonstram da parte da direcção do

1. Cena da peça n'um acto *Codigo Penal*, art.º, de André Brun—2. Sr. André Brun—3. Sr. Silva Tavares—4. Cena da peça n'um acto *Duelo d'amor*, de Silva Tavares 5. Cena da peça em um acto *Herança*, de Henrique Lopes de Mendonça.—6. Sr. Henrique Lopes de Mendonça

Penal, artigoº, que é um pequeno drama de consciencia; a «Herança», de

Teatro Nacional o' bom desejo de proteger a arte dramatica portugueza.

A 90 A' HORA

EXCURSÃO PELO NORTE DO PAIZ



A alegre e triste paisagem! Triste e alegre, porque ora nos compr me a alma em apreensões dolorosas, d'uma melancolia vaga e suave, ora a dilata em sensações indefinidas de gozo e de prazer, n'uma voluptuosidade absorvente, que nos enleia os sentidos e o espirito. Paisagem tão bela, tão sugges-

tiva, geradora de pensamentos por tal forma desencontrados e de impressões por tal modo variadas, que a gente, ao retirar d'ela os olhos enamorados e embevecidos, sente, bem que o não queira, a repassar-lhe o intimo peito aquele «delicioso pungir de acerbo espinho» de que nos falava Garret. Que



1. Um recanto do parque da Senhora dos Remedios em Lamego.—2. Casa da aldeia na Beira Alta.

le não ha outra parte da Europa onde á vista humana seja dado abranger tão raras e peregrinas maravilhas como essa que a fecunda natureza nos prodigaliza, por terras de Minho e Douro, Trazos-Montes e Beiras, atravez de campos, veigas, pomares, vergeis, planicies, vales, matageas, bosques, encostas, florestas, seranias, fontes, regatos e rios.

E, se dilatarmos o ambito da nossa visào, se nos alongarmos pelo imenso e aspero Alentejo, cuja paisagem bizarra a pena de Fialho nos desenhou, pela vasta e fértil Estremadura, que encerra as delicias de Cintra e pelo exotico e florido Algarve, que inspirou o mais simples e delicado dos nossos poetas, João de Deus, se nós formos a observar, n'uma palavra, toda a paisagem portugueza, não ha com certeza nada no mundo que se lhe avante, que se lhe equipare, que se lhe aproxime sequer.

Privilegiada terra de prodigios! Não admira que os estrangeiros tanto a cubicem, porque só o vèl-a desperta appetites estranhos, e que os seus naturaes tão desleixados sejam, porque a sua contemplação os traz em constante embriagamento!

Estas filosoficas e austeras considerações ja eu fazendo, uma d'estas manhãs, todo intangerido dentro d'um sobretudo que, apesar de grosso, não conseguia vedar a aspera neblina e a aragem fria e cortante, que penetravam até os ossos, arrebatado por um poderoso Minerva que o

meu amigo Antonio Casal queria obrigar a engulir distancias, e que, por Paredes, Penafiel e Amarante, nos ia transportar a terras de Trazos-Montes e Beira Alta.

Não tentarei descrever tudo que vi nem fixar todas as impressões recebidas. Seria tarefa difficil, quasi impossivel. E o

que disser, mesmo, não posso afirmar que tenha o cunho da realidade, porque a vista, com uma velocidade, por vezes, de 80 e 90 á hora, não pôde surpreender pormenores nem tonalidades, mas abranger apenas um conjunto de belezas esparsas, complexas formando depois a mente sínteses confusas, fortuitas, a que a fantasia vem dar ordem, nexo, unidade.

Mas ha um intimo e real prazer em observar assim, de fugida, instantaneamente, a nossa paisagem. Eu, que já percorri algumas d'essas terras a pé, no tempo em que andava peregrinando, como Cristo, pelo mundo, á cata de aventuras, na esteira de um sonho, tive agora surpresas ineditas, imprevisas, ao vèl-as de relance, como esses contornos fantasticos e funambulescos, que a luz d'um relampago nos deixa entrever, e que em seguida a treva esconde e desvanece.

Do Porto ja Amarante a paisagem é variada, rica e luxuriante por vezes, chegando a entediarnos pela sua propria opulencia. Mas as minhas preferencias são todas pelo Marão. A gente vaé subindo,



1. Tipos populares da Beira Alta perto de Castro Daire.

2. Ponte da Pedrinha, proximo a Castro Daire: um trecho da região.

subindo pela serra acima, interminavelmente, como quem desafia as iras do Olimpo e marcha para um combate formidável entre homens e deuses, menosprezando as fúrias do tempo e do espaço. E, quanto mais se sobe, mais o horizonte se alarga, o raio visual maiores distâncias alcança, é a imensidade sem limites, absorvendonos e aniquilando-nos.

N'um momento, de tão alto que vamos, como por milagre suspensos sobre aquelas ravinas intermináveis, quasi chegamos a perder a noção das coisas, e sentimos apenas que a nosso lado vão ficando, aqui e

e a agúia, um em pulos macabros, outra em vôos ameaçantes, ousando afrontar a nossa corrida vertiginosa e louca. Na outra vertente, a vista estende-se por vales, descampados e serranias, e vae alongando-se até uma cadeia interminável de cristas rochosas, agudas, esgarçando-se n'um tom leitoso e acinzentado, a perfurar as nuvens pardas, a topetar no firmamento azul, tudo se confundindo n'uma tinta esfumada e indecisa. E, ao fundo, muito longe, como a fimbriar a orla de dois mundos que se tocassem, um problematico riacho, apertado entre rochedos, espreme-se e deslisa,

em tão contrarios sentidos, que impossivel seria adivinhar-lhe a origem e a direção, fazendo mover dismantelados e desolados moinhos, raros senão unicos sinais de vida em toda aquela imensidão.

E a grandeza d'esse cenario imponente, magestoso, por tal fórma nos subjugava, nos domina, nos enleia, que quasi inconscientemente consentiríamos que o corpo se fosse despedaçar, encosta-abaxo, nas escarpas alvadias e hirsutas, a alma sumindo-se no solene misterio da grande Natureza, fecunda e prodiga.

Mas, dentro em breve, a su-



1. Um trecho da estrada da Regoa a Lamego

além, caras estarrecidas de homens, mulheres e crianças dos raros povoados que aparecem, e o olhar espantado dos animaes traduzindo inquietação e receio, só o cão



2



2. A avenida de Lamego. — 3. Um rebanho de cabras.

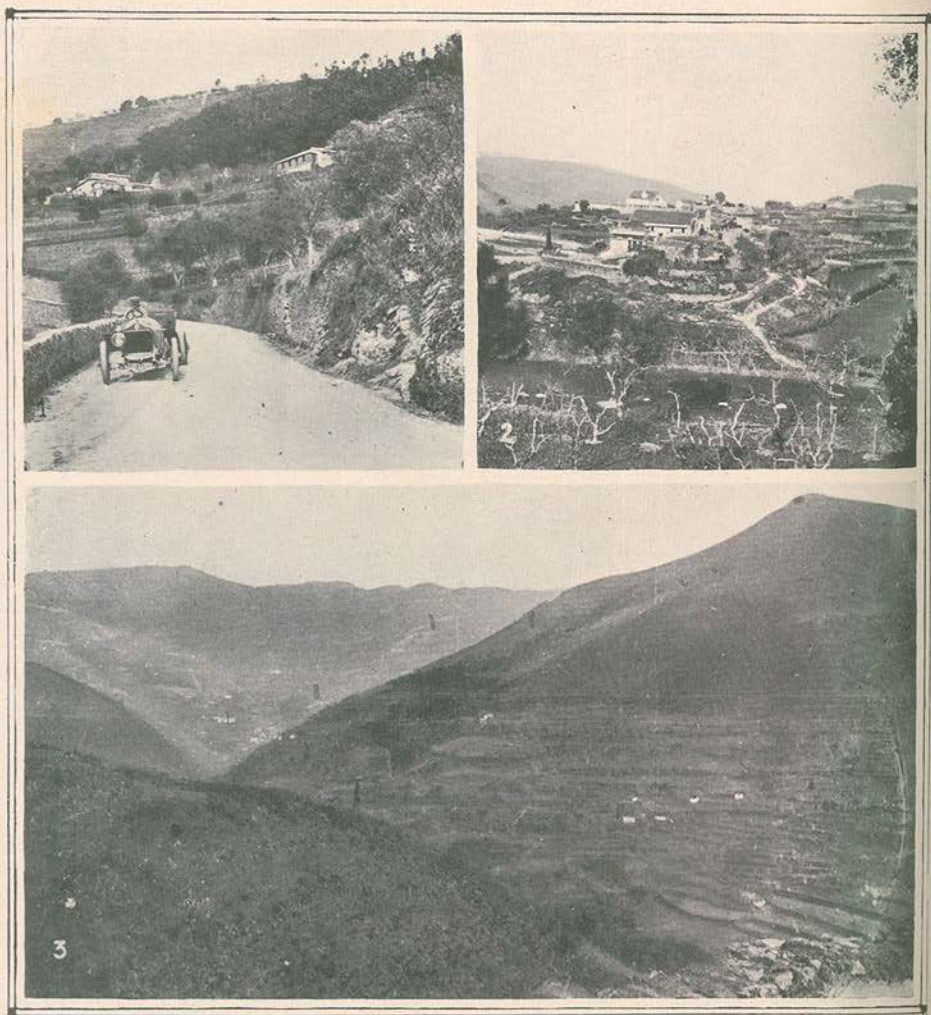
gestão desaparece. Mesão-Frio, sentada n'um alto lavado e sadio, vem pôr n'aquelle quadro empolgador uma nota hilariante e estrepitosa de movimento. Mais adiante, adormecida indolentemente á margem-Douro, a Rede vem penetrar-nos d'uma poesia deleitosa e doce, que se expande dos seus vinhedos e laranjaes. E d'ali em fóra, Moledo, Regoa, Lamego, d'uma e d'outra margem do Douro, d'uma e d'outra margem do Varosa, a paisagem reveste-se de tonalidades fortes e suaves, cheia de contrastes e por isso mesmo estonteadoramente bela. Lamego é uma cidade antiga, pinha de casas penduradas d'um outeiro, beijando-lhe os pés um regato manso, com novos arruamentos a alindal-a, tendo principalmente uma avenida deliciosa.

E, em frente d'ella, esse monte de maravilha e de encanto—Senhora dos Remedios—d'onde se disfruta um dos mais esplendidos panoramas que á vista humana é dado abranger, e com que só podem rivalisar, no norte, os que se observam do Monte de Santa Luzia, em Viana, e do Bom Jesus do Monte, em Braga.

De Lamego a Castro Daire, novamente a imensidade nos subjuga. Mas agora não é a imponencia, é a desolação. Casebres raros, verdadeiras tocas humanas, quasi sumindo-se

Vale do Vouga que, no seu recorte bizarro e caprichoso me faz lembrar, pela sua pompa e riqueza, o meu querido, o meu adorado e eternamente preferido Minho.

Mas o maldito automovel não pára nunca. Sem piedade pelo meu fisico, a esta hora totalmente aniquilado atravez de estradas horripaveis, desfaz-me, em solavancos, o amovel sonho que vinha sonhando, atravez d'essas regiões de prodigio. E venho novamente cair no Porto, na realidade fria e implacavel.



1. Palacete e quinta do sr. dr. José d'Alpoim na Rêde.—2. Vila de Santo António na povoação da Ribeira (em Oliveira de Frades)
3. Um trecho do Marão proximo a Mezão Frio.—(Clichês do sr. Alvaro Martins)

na terra; pobres rebanhos de ovelhas e cabras; porcos e vacas; mulheres magras servindo de pegureiras; ausencia quasi completa de vegetação; tudo escaldado, nú, mirrado. E andamos assim leguas e leguas!

Mas a natureza, de vez em quando, surge-nos com toda a sua opulencia e esplendor, e é desvanecidamente, n'um enlevo caricioso, que os meus olhos soffregos se deleitam em toda essa florida e ridente paisagem do

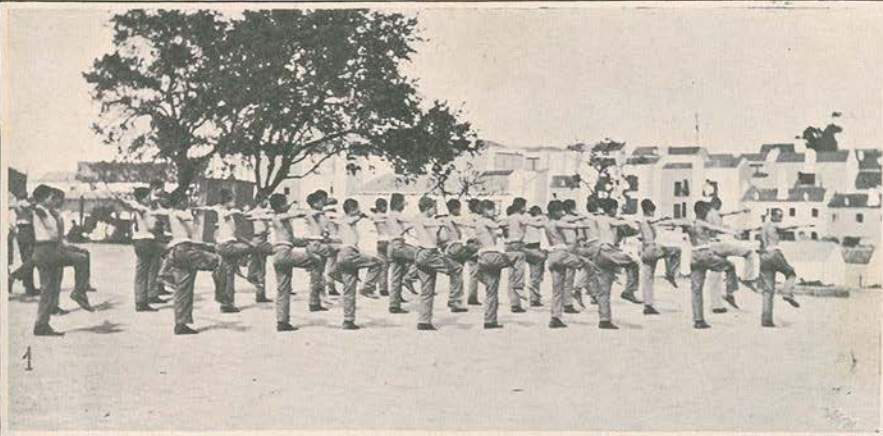
a saborear, por uma noite de insonia, o fruto agri-doce d'essa voluptuosidade d'um dia, e cuja recordação saudosa virá ainda derramar muitas gotas de prazer n'este calix de fel que é a vida, e que todos nós temos de esvasiar.

A triste e alegre paisagem! Não ha 'outra, no mundo, como a portugueza!

Porto, 25—III—913.

Sousa Martins.

A Tutoria da Infância



As Tutorias da Infância, tribunais privativos de menores, ao serem instituídas entre nós, com os seus internatos anexos — «Refúgios» — destinados a recolher os menores até ao seu julgamento, preveniram des-



um d'elles foram creadas aulas, de instrução primaria, de canto coral, de exercicios manuaes e de ginstica.

Na Tutoria da Infância de Lisboa está esse plano de estudos e de applicação fisica muito bem pos-



1, 2 e 3. Exercicios fisicos pelos alunos.

de logo os inconvenientes desmoralisadores da inação. E assim, para que cada «Refugio» se não convertesse a breve tempo n'um viveiro legalisado de ociosos em fermentação, junto de cada

to em pratica, honrando os que, como o dr. Sousa Costa e outros, tem dedicado um grande esforço áqueella magnifica instituição de caridade e regeneração de menores.

TEATRO PORTUGUEZ EM SHANGHAI

Foi muito interessante a recita em que tomaram parte creanças portuguezas e que se realisou em Shangi. Os nossos pequenos compatriotas, com uma infinita

graça, exhibiram os seus papeis diante do publico que os aplaudiu calorosamente, tendo logo sido solicitado o seu auxilio para outras recitas de beneficencia.



1. Uma cena do 2.º ato.—2. A cena final, vendo-se ao fundo os promotores da festa, ensaiadores, etc.—Fotografias tiradas no teatro Apolo de Shanghai (China) por ocasião de uma recita de caridade promovida por um grupo de portuguezes a favor da Sociedade Portugueza de Beneficencia. As creanças que tomaram parte na recita eram exclusivamente portuguezas e a sua idade variava entre 7 e 14 anos. Foi um successo extraordinario. A recita rendeu cerca de 2000 dolares e a prova de que foi de agrado geral o desempenho por parte das creanças é que duas associações inglesas já pediram a 5 promotores para levarem á cena no Lyceum a mesma opereta, que tem por titulo "In happy Jappy Land", revertendo o produto em beneficio das associações que são identicas á portugueza.—(Fotografias pertencentes ao sr. Adriano da Silva Fernandes, official da Armada)

NO CLUB ALEMQUERENSE



1. Festa da confraternização oferecida sabado da aleluia no Club Alemquerense pela direção e por um grupo de senhoras ás damas e cavalheiros de Vila Franca em retribuição d'outra que aquelas senhoras tinham oferecido ás de Alemquer no «Micareme». Da direita para a esquerda: Sr.^{as} D. Ilda Ferreira, D. Maria da Graça Noronha, D. Fernanda Ferreira, D. Adelia Campeão, D. Maria Froni, D. Elvira Rebocho, D. Margarida Campeão, D. Ester Carmo, D. Justina Rebocho, D. Ema Carmo, Dr. Agostinho Viegas, D. Regina Troni e D. Maria Amalia Carmo. Sr. Francisco Machado, Fernando Campeão, Rodolfo dos Santos diretores do Club e Simão Pastoreu



2. A comissão das senhoras. Da esquerda para a direita: Sr.^{as} D. Ema Ceia, D. Maria da Graça Noronha, D. Margarida Campeão, D. Maria Laura Troni, D. Sonia Campeão, D. Maria Amélia Carmo, D. Julia Rebocho, D. Ester Carmo, D. Ema Carmo, D. Fernanda Ferreira, D. Regina Troni, D. Ilda Ferreira, D. Elvira Rebocho. —(Clichés do sr. Simão Pastoreu)

A triciana de Guimarães

Agora, ainda mal saídos do inverno, as caldeiras do extraordinário numero das fabricas de Guimarães apitam ainda quasi de noite e os salões frios que arregimentam dezenas e dezenas de mulheres são ainda, durante as primeiras horas, iluminados a luz electrica.

Por isso cedo, e muitas vezes, sob chovas e ventanias inclementes, se ouvem na rua, cantando como castanholas, as socas de biqueira de verniz e de pau de noqueira, com que as raparigas estremunhadas e de chale em bioco, apressadas, pacientes e pobres, caminham corajosamente, e por vezes avorçadamente, ao trabalho madrugador das tecelagens.

Não venho fazer um sermão de piedade, reproduzindo n'esta pagina a desagradavel impressão que sempre me causou, pelas manhãs humidas do inverno, essa que o trabalho levanta atordidamente dos cates pobres, magritas, palidas e em jejum de comunhão. Essa tarefa de recriminar o industrialismo burguez da minha terra natal, que, ainda n'este seculo de fraternidade e ternura, fabrica, com um espirito de indiferença verdadeiramente monstruoso, a par dos seus panos de linho e das suas camisolas de algodão, verdadeiros sortidos de tuber-

culosos, de neurastenicos, de linfaticos, de analfabetos, de miseraveis,—essa tarefa hei-de tomal-a um dia ás mãos.

Agora, porém, eu escrevo sómente d'essa rapariguita doce das fabricas, ou seja da sua beleza, tenacidade e amorio sentimental; escrevo sobre quem possui, atravez a fome das suas ferias,

espirito economico bastante para se enramalhar de côres, em chitas alegres e oiros baratos, e surgir alegres, nas horas domingueiras, depois da missa burgueza do meio dia, ao seu namorado de hoje, ao seu marido de amanhã

E sobre essa pequena soffedora que nas horas «de conversar» faz ao seu canção o mesmo que á aza afogueadora do chate, alijando-o dos hombros com heroicidade, muito ha que observar e escrever.

A tecedeira de Guimarães, le-

vantando-se ás seis horas da manhã, trabalhando doze a quatorze horas por dia, vestindo-se a prestações, curando-se no hospital em enfermarias devassadas, alimentando-se pessimamente e dormindo em casas sem hygiene e comodidades—é, todavia, alegre como um passaro, pré-gadora como um leiloeiro, ligeira e vibrante como uma seta em fogo. A sua lingua não é, em verdade, das melhores



coisas—visto que aos oito anos se fecham para ela as portas da escola e abrem as da fabrica, onde a moral é nenhuma. Mas, apesar d'isso, quando é noite bem cerrada e o sino toca ás «almas» e a burguezia ceia regaladamente, oiçam o que vae por além. Chove, e, todavia, descendo as avenidas n'um côro enorme, espalhado no vento



em onda harmoniosa de orfeon, as raparigas voltam em rancho e cantando a ultima das trovas chegadas áquella terra de padres artificiosos, de beatas monstrosas e de politicos do antigo regimen, ardilosos e reservados como as fe-

ras. E se a tricana tecedeira de Guimarães é linda e elegante dispoñha-e, quem d'isso duvide, a observar uma onda d'essas pequenas, saindo o portal das fabricas á hora de jantar. Com os cabelos polvilhados de cotão dos teares, lenço caído sobre a nuca, peitos verdes e duros das anciedades carnaes dos quinze anos, a saia rota, o olhar brilhante, a boca em fogo, ela lá vae corren-

do á sua casa terrea, quasi tão agitada de vestuários como uma pastora que procura o tresmalhado das ovelhas, quasi fugidia e suspensa e ama como uma ave que se levanta ao sol

da vida, recorre ao preguista da terra — ou seja ao «Costa-Queijo». E', em rapariga, vaidosa da sua frescura e beleza; depois de casada, suja e desmazelada como mulher nenhu-



para sentir mais quente o coração inquieto de namorada.

A tricana tecedeira de Guimarães ou é «Maria Rosa», ou «Tereza do Sacramento», ou «Maria d'Oliveira» ou «Ana de Jesus». Tem quatro saias brancas lisas, ás ramagens amarelas, e chinelas de verniz, com laço, pelo Natal e em domingo de Passos. Tem chales de luxo e sombrinha de seda só para a missa dos domingos. Quando, por doença, a atropelam aflições

ma d'este mundo. Em geral não sabe ler.

E, volta e meia, vem-l-a á porta do medico, doente do peito — «ética», como ela usa dizer.

São estas as poucas notas psicologicas que eu conservo d'essa rapariga que tão mal vive e que canta sempre com tanto gosto.

Alfredo Guimarães.

Uma família de escritores

Lisboa vai receber a visita de duas altas personalidades brasileiras, dois vultos literários que encham a Republica irmã com a sua fama e os nossos espiritos com as suas belas obras.

literaria que a George Sand brasileira tem caminhado de triunfo em triunfo, merecendo as maiores distinções e conquistando um numero publico, como bem o demonstram as successivas edições das suas obras.



1. O illustre escritor Filinto d'Almeida.—2. A illustre e critica D. Julia Lopes d'Almeida.—3. O illustre poeta sr. Afonso Lopes d'Almeida.

Trata-se do illustre poeta Filinto d'Almeida, membro da Academia de Letras que com sua esposa, a grande romancista da America do Sul, estará algum tempo entre nós.

E' uma familia privilegiada esta. Filinto d'Almeida, o seu chefe, é um dos maiores poetas d'essa nobre terra de luz onde eles são dos mais belos, enchendo com o ritmo dos seus versos as almas anciosas de cor e de som. D. Julia Lopes d'Almeida é a romancista de observação e sentimento que tem já uma longa obra aplaudida e amada, na qual pinta nobremente o seu tempo, sem hesitações e sem receios tendo a analyse fina d'uma mulher exteriorizada nas paginas que a tornam distinta entre os prosadores.

O seu livro «Cruel Amôr» é um mimo de estilo, como a sua obra «A Falencia» é uma adoravel novela e a par d'estas tantas outras onde os meios do seu paiz se expõem com uma clareza infinita e com uma singular visão.

Desde o inicio da sua carreira

São estes os illustres brasileiros que Lisboa vai receber e festejar como legitimamente representantes da intellectualidade da grande Republica amiga.

D'esta união de dois talentos diversos, o de poeta e da romancista, nasceu um outro intellectual que, apesar da sua pouca idade, já conseguiu celebrar-se tanto como seu pae. E' o poeta illustre Afonso Lopes d'Almeida, cujos trabalhos chamaram para ele as atenções, brilhando hoje entre a moderna geração litteraria do seu paiz, tendo entre ella conquistado pelo seu valor um lugar distinto.

Aos dois illustres brasileiros que vamos receber Portugal saberá demonstrar quanto os seus escritores e homens de letras apreciam o talento dos que tão grande honra nos dão, visitando-nos, e, ao mesmo tempo, como sente a necessidade absoluta de, atravez dos grandes espiritos, fazer dia a dia mais a ligação dos dois povos.



A JANELA DAS ROSAS

SONETO DO SR. DR. ALFREDO DA CUNHA
EXTRAÍDO DO SEU NOVO E BELO
LIVRO *VERSOS*

Verdejante janela, mais florida
Do que o florido altar d'uma capela!
Nenhum pintor desenharia em tela
Outra assim, tão viçosa e tão garrida.

Aqui foi que uma noite Margarida
Surgiu a Fausto, deslumbrante e bela.
Gelosia do céu! Linda janela
Cheia de rosas dos jardins de Armida!

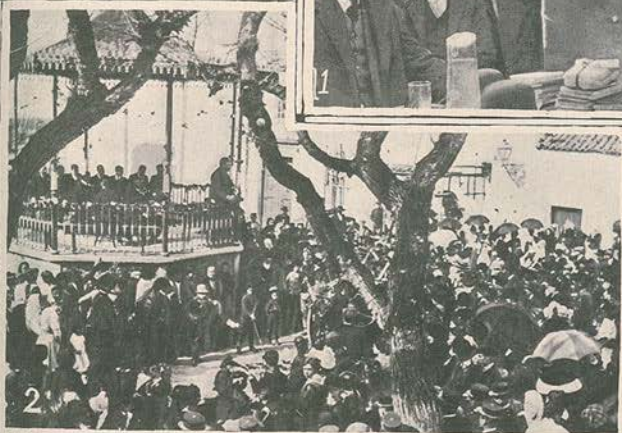
Foi decerto em janela igual á minha
Que viu Garrett os olhos de Joanninha
E á formosa Marília viu Dirceu.

Janela, não de monge anacoreta,
Mas de meiga e romantica Julieta
Que espera ansiosa a escada de Romeu!



AS FESTAS ESCOLARES DA ARVORE

Como a festa da arvore, por circunstancias imperiosas, não se pôde realizar por todas as escolas do paiz no dia 9 de março, algumas escolas as teem vindo realizando á medida que é



possivel e com o maior entusiasmo.

Animados pelo mesmo pensamento e sob o mesmo influxo educativo, professores e alunos continuam na mais edificante solidariedade a celebrar as suas festas com brilho não inferior ás que se fizeram no dia marcado para elas em todo o paiz.



1. A festa da arvore em Niza: 1, Sr. Dr. Matos Cardoso, que presidiu á festa; 2, professor sr. José da Cruz Leambad, vogal da meza; 3, o professor sr. José Francisco Figueiredo, vogal da meza e correspondente do "Seculo".
2. Aspêto da festa da arvore em Colares.—3. O povo e as creanças durante a festa da arvore em Valongo dos Azeites (Pe'queira)—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Almeida Cardoso)



1. Em Santa Comba: A escola do Cr.nte de Ferreira com a comissão de senhoras e cavalheiros que a ornamentaram—(Cliché do sr. José de Lemcs.)



2. Foscoá: A assistência depois da plantação da árvore. Fotografia do distinto fotógrafo amador sr. Antonio Augusto Caldeira



1. Carro que conduziu as arvores em Arcozel.—(Cliché do sr. Manuel Joaquim de Miranda)



2. Em Coleja: A festa da arvore.—(Cliché enviado pelo sr. Moutinho Paiva)



1. Em Prado (Tomar): O cortejo da arvore n'um dos locais da plantação. (Cliché do distinto fotógrafo amador sr. Julio Schutz).



2. Na Areosa (Viana do Castelo): O carro que figurou no corê'o com um grupo de meninas da escola oficial. O carro pertence ao sr. Jeronimo Vieitas Costa.





Matorca: grupo dos alunos das escolas oficiais e particulares e a respectiva comissão que tomaram parte na festa da arvore d'esta vila—1, Sr.^o D. Julia da Silva Mendes—2, D. Izidora Simões de Carvalho—3, D. Lucinda Coelho—4, D. Teodora de Castro—5, D. Cacilia Marquez—6, Sr. Antero d'Oliveira—7, Sr. José A. Rodrigues—8, Sr. Henrique A. d'Oliveira—9, Sr. Luiz M. da Costa Lúcio—10, Sr. Antonio P. Cantante—11, Sr. Alfredo B. B. Correia, ensaiador do orfeon—12, Sr. Teodoro P. de Castro—13, Sr. Joaquim Augusto d'Oliveira—14, Sr. José R. Guerreiro—15, Sr. Gervasio A. d'Oliveira—16, D. Maria O. d'Oliveira—17, D. Josefa P. dos Anjos, professora oficial—18, Sr. José A. Marques—19, D. Ilda d'Oliveira—20, D. America N. Forte—21, D. Maria das Dóres d'Oliveira—22, Maria Joaquina Duarte—23, D. Delfina Coelho, professora particular—
(Cliché do fotografo sr. Joaquim Pereira Monteiro, Figueira da Foz)



1. Um grupo de alunos das quatro escolas da Labrugeira com os seus professores, na festa da arvore
(Cliché do distinto fotografo amator sr. Antonio Borges)



Na Aldeia do Carvalho (Covilhã) O cortejo no largo da igreja onde se armou o pavilhão para descanso das crianças

No Transvaal— A cidade de Middelburg



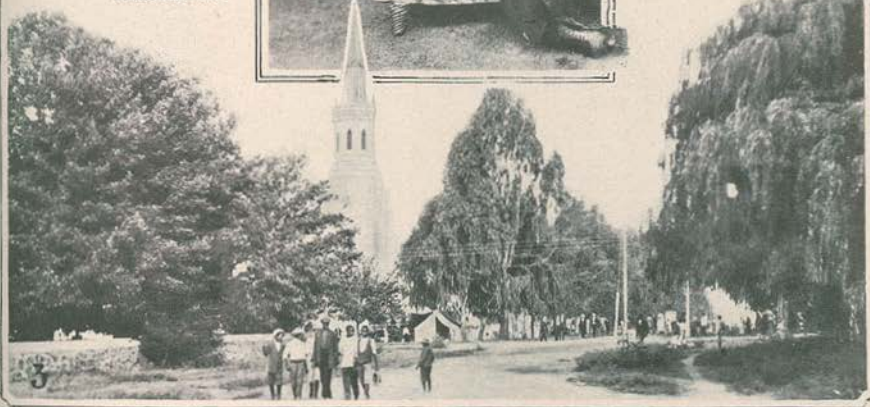
Middelburg, a pequena cidade transvaaliana que dista de Lourenço Marques aproximadamente 100 leguas, não possui obras de arte feitas pela mão do homem qu: ali nos atraíam, mas, em compensação, tem outros encantos de mais valor, pois foi a Natureza com a pequena cidade de uma prodigalidade imensa, dotando-a com excelentes ares, água e fértil terreno, onde crescem e produzem rodas as plantas de fruto como na Europa.

Apenas tem 2.540 habitantes, estando incluídos n'este numero 803 indigenas e sendo os restantes, na sua maioria, boers, povo laborioso e

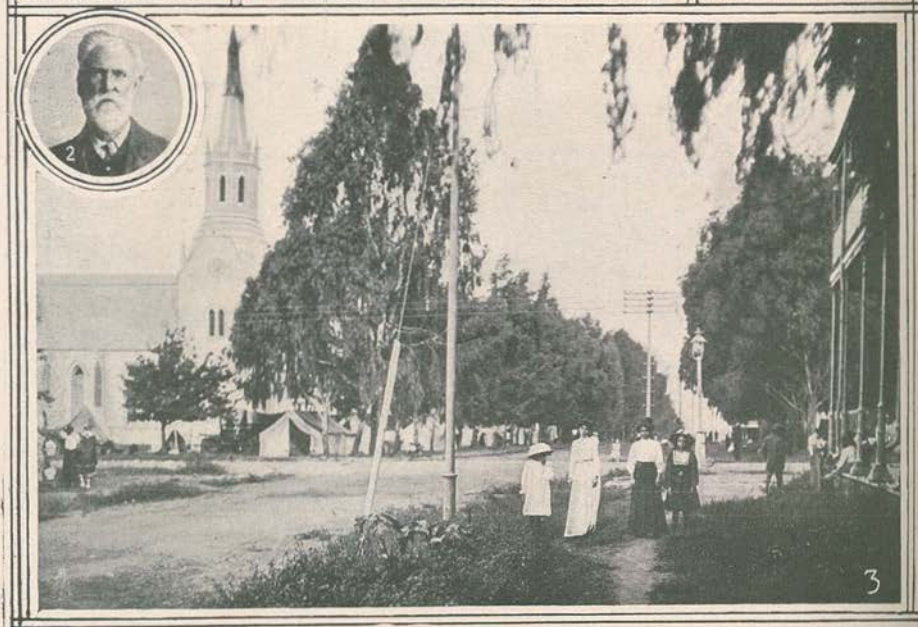
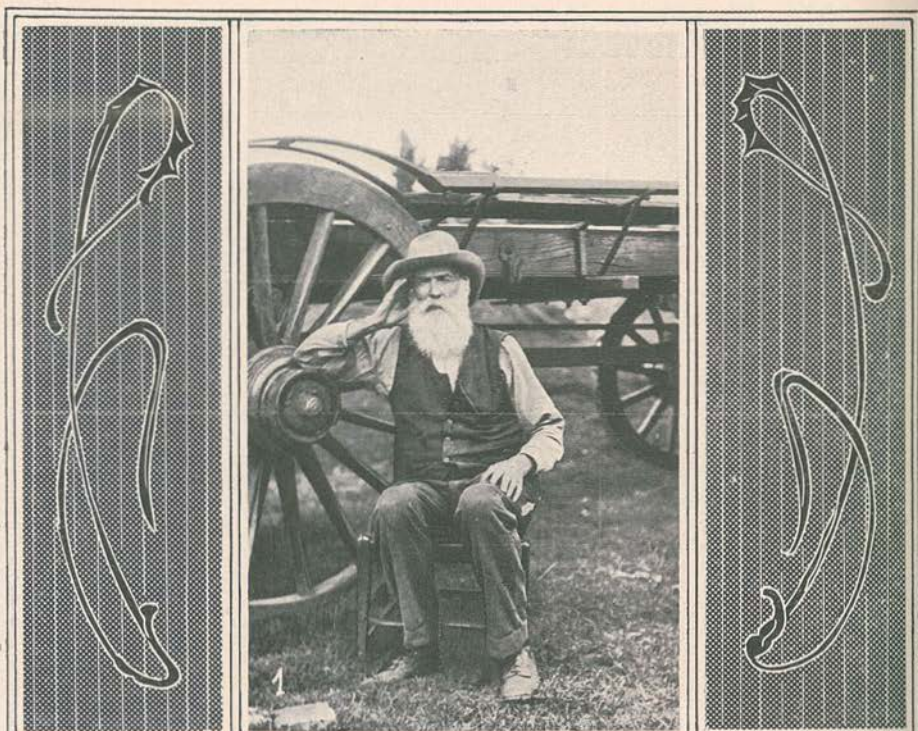


hom, sempre com o coração aberto a todos os que os vão visitar, humanitarios e fanaticos na sua religião como poucos, o que, certamente, concorre para o estado pouco culto em que se encontram. E tão humanitarios e fanaticos são que, quando ha tempos o governo do general Botha lhes mandou um preparado qualquer para extinguir os gafanhotos que lhes dizimavam as plantas, eles devolveram lh'o dizendo-lhe que se Deus tinha mandado ao mundo os gafanhotos, é que eles, como os homens, tinham direito a viver.

A cidade é bastante industrial e comercial. Um dos primeiros es-



1. A escola municipal de Middelburg—2. O governador de Middelburg e sua esposa
3. Rua General Joubert.



1. Um velho boer narrando façanhas da guerra anglo-boer.—2. Jacob Joubert, o bravo general boer—3. Outro aspéto da rua general Joubert

tabelecimentos pertence ao subdito austriaco sr. Charles Quass, homem ativo e inteligente que fala corretamente francez, portuguez, inglez, italiano, arabe e holandez, que é a lingua dos boers, e diversos diale-

ctos cafreas; é um amigo disvelado dos portuguezes que a Middelburg vão passar ferias, pois n'ele encontram um interprete, um amigo e um servidor leal, bom e desinteressado.

O Mayor de Middelburg é o sr. Schilthuis, com quem tivemos ocasião de trocar algumas impressões agradáveis. Sua ex.^a e sua ex.^{ma} esposa, filha do nosso consul em Pretoria sr. Wagner, são de uma amabilidade extrema e, por isso, queridos de todos.

Sua ex.^a o Mayor, que é de nacionalidade inglesa, tem feito progredir Middelburg e, graças ao seu governo inteligente, toda a população está do seu lado.

Existe perto de Middelburg, junto ao rio Elefante, um vulcão que nenhuns habitantes teem memoria de ver em erupção e de que ninguém sabe dar conta.

Sabe-se sómente que é um vulcão secular pelas diversas crateras que se vêem ainda nas rochas e pelas pedras redondas envolvidas em camada de lava morta. Chamam ao local do vulcão «recanto do amor» por ser um sitio pitoresco para onde os namorados costumam ir passear.

Existe mais, a tres kilometros da cidade, uma rica mina de carvão que a camara municipal está explorando com exito.

Vêem-se ainda muitos indícios da guerra anglo-boer e ruínas de casas que a artilharia ingleza derrubou.

É frequente encontrar velhos boers octogenários, de grandes barbas, guerreiros d'outros tempos que, comovidos, contam as suas façanhas, e orgulhosos, mostram as cicatrizes feitas pelas balas inimigas.

Um d'elles, primo do falecido general Joubert, quando se lhe fala da guerra anglo-boer, toma tal calor nas narrações que faz das aventuras que efetuou, que os olhos se lhe marejam, por vezes, de lagrimas. Este homem foi rico mas hoje nada possui, sendo todos os seus haveres uma pequena e velha casa, um cão e um cavallo que tem 25 anos e foi seu companheiro na guerra. Tem o velho Jacob Joubert 66 anos, mas monta ainda n'uma bicicleta como qualquer rapaz de 20 anos, e outro tanto fazem outros boers de mais idade do que ele e que parece só morrem de velhos, já pelo bom clima da sua terra, já pela energia de que, são dotados.



Foram este ano as creanças das escolas de Lourenço Marques passar um mez de ferias a Middelburg e ali, graças aos esforços do professor da escola 1.^o de Janeiro, sr. Solipa Norte, promoveram-se festas desportivas e levou-se a efeito uma recita no Mascote Teatro, genuinamente portugueza, que foi muito apreciada pela principal sociedade de Middelburg e á qual assistiram sua ex.^a o Mayor, sua ex.^{ma} esposa e todas as primeiras autoridades locais.

A impressão que nos ficou de Middelburg é excelente e simplesmente poderemos acrescentar ao que fica dito que é uma linda cidade onde se pôde viver, onde ha vida propria e a gente é sã e boa, fazendo lembrar um canto das nossas lindas provincias da



1. Creança transvalliana beijando uma menina portugueza.—2. Vista do rio Elefante—(Clichés do autor)

Beira Baixa ou Minho, que para ali fosse transportado milagrosamente.

Lourenço Marques, 6 de março de 1913.

ADELINO D'ABRINHOSA.

FIGURAS E FACTOS

Entre os individuos de categoria social recentemente falecidos, destacam-se o conselheiro Eduardo José Coelho que, varias vezes, foi ministro do reino, no tempo da monarchia, sendo tambem um distinto parlamentar. Com intervalo de poucos



dias falecia tambem o conselheiro Artur Ferevereiro, durante largos anos secretario geral do ministerio do reino. Em Chaves faleceu o tenente Ferreira, um devotado republicano que, quando da incursão, foi dos mais valerosos officiaes que se



1. Sr. tenente David Ferreira. 2. Sr. conselheiro Artur Ferevereiro. 3. Sr. conselheiro Eduardo José Coelho. 4. Sr. Antonio Pedro Fava. 5. Sr. Duarte de Souza Lobo, recentemente falecido.



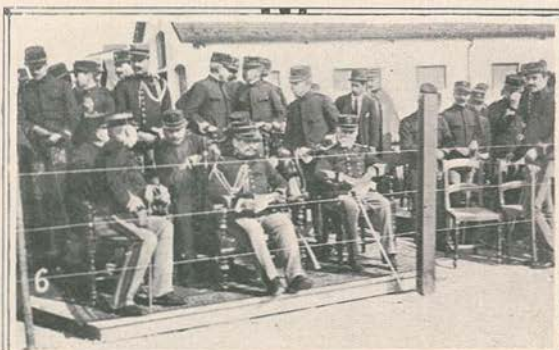
bateram na defeza da praça contra as hostes de Paiva Couceiro. Tambem faleceram os srs. Antonio Pedro Fava, distinto empregado publico e Duarte de Souza Lobo, proprietario.



A festa sportiva em engenharia

No quartel d'engenharia fez-se um concurso de sports athleticos entre os soldados, na presenca do general comandante da divisão, da officinalidade do regimento e do ministro da guerra.

Toc os louvaram muito



as varias provas executadas com precisão pelos soldados d'essa arma e que constituem outras tantas demonstrações da sua applicação e aptidões.



6. O sr. ministro da guerra com o general da divisão e o comandante d'engenharia assistindo ás provas. 7. Escalada de paliçada.—8. Passagem por entre os arames.—(Clichés de Benoliel)

João Arroio, o lucilante espirito d'artista que, mesmo nos seus discursos politicos, jámais deixou de vibrar, o compositor do «Amor de Perdição», deu-



nos mais uma excelente prova da sua arte com o seu «Poema Sinfonico», tocado no salão da Trindade no meio do maior entusiasmo.

1. O sr. João Arroio, autor do poema Sinfonico



2.—Sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas, professor do liceu de Faro em comissão no de Beia, recentemente falecido.



4. Sr. conselheiro Julio Almada, recentemente falecido, governa'or civil de Leiria no tempo da monarchia.



3. A chegada do consul de Portugal no Brazil sr. Fernão Boto Machado: O sr. Boto Machado, recebendo as creanças do centro de que é patrono.



5. Capitão sr. Fernando de Vasconcelos, distinto professor e autor de uma notavel memoria sobre questões mecanicas.—6. Sr. J.ão Antunes, a recitado autor d'uma serie de estudos sobre Psychologia Experimental, que está trazendo a lume a Livraria Classica Editora.—7. A festa da distinta professora de canto, sr.ª D. Fulalia G. Paes, no salão da *Ilustração Portuguesa*, para apresentação das suas discipulas: 1.º plano, 1 D. Gabriela Pereira de Sousa, 2 D. Laura Pagani, 3 D. Leonilda Rezado, 4 D. Sofia Ferreira da Silva, 5 D. Maria Francisca Sampaio Alvim, 6 D. Hirminia Olimpia Resentick, 7 D. Fulalia G. Paes, 8 D. Filomena Rocha, 9 D. Filomena Sampaio Alvim, 10 D. Lidia Benard Guedes, 11 D. Leopoldina Conceição da Costa Malheiro, 12 D. Hortencia Pagani; no 2.º e 3.º plano: 13 sr. Eurico de Figueiredo, 14 D. Maria M. D. S. Melo e Castro, 15 sr. José N. d'Oliveira Campos, 16 D. Beatriz Rocha, 17 D. Evra d'Oliveira, 18 D. Maria E. d'Oliveira, 19 D. Alice C. Pinto, 20 sr. Feride Rebelo, 21 D. Filipa T. do Vale, 22 D. Albertina Magalhães, 23 D. Laurinda Magalhães, 24 sr. Eurico Sena Cardese, 25 D. Fernanica P. de Sousa, 26 D. Alica P. Fibeiro, 27 D. Maria Clarice L. Pastra Gomes, 28 sr. Fernando Gamero, 29 D. Irene J. Cantreiro, 30 sr. Gustavo de Lacerda, 31 sr. Silveira Paes, 32 D. Maria C. C. Malheiro.

Figuras e factos



1. O grande milionario Pierpont Morgan, o mais generoso e o mais bizarro dos americanos e que faleceu em Roma — 2. O julgamento dos réus do «c. mplot» de Fernando Mota Card so: A presidencia do tribunal. — 3. Os accusados, vendo-se no 1.º plano o general medico sr. dr. Abel de Campos e na retaguarda o sr. dr. Carlos Garcia que com os seus outros co réus foram absolvidos — (Clichés de Benoliel)



Progressos do automobilismo — A nova montagem dos pneumáticos Michelin de placa-valvula

N'estes ultimos tempos, tanto entre nós como no estrangeiro, a industria dos automoveis tem-se assinalado por varios aperfeiçoamentos, que tornam cada vez mais pratico, comodo e economico este meio de viação.

A casa Michelin é, sem duvida, uma das que mais tem concorrido para os progressos do automobillimo. A nova montagem dos seus pneumáticos de placa-valvula é uma brilhante prova do que afirmamos. A placa-valvula está substituindo já na maior parte dos carros as placas de segurança, tão incmodas e aborrecidas pelo trabalho que davam. Com a placa-valvula acabaram todas as difficuldades, e a casa Michelin com os dois novos ferros e peças e as alavancas, que acaba de mandar executar, permite tirar a maior vantagem d'aquella placa, suprimindo o menor esforço na montagem e desmontagem, que se fazem, a primeira com dois ferros e um gancho e a segunda só com os ferros.

Os antigos ferros traziam os automobilistas sob o constante terror de entalar a camara d'ar e ferir-a. Para o evitar injetava-se com força a camara antes de a meter no protector. Esta pressão exigia naturalmente aumento do esforço necessario á montagem. Esse terror desapareceu, porque agora montam-se as duas orlas do protector ao mesmo tempo, fazendo-as escorregar e juntamente sobre a curva do ferro e passar tambem ao mesmo tempo sobre a jante. A camara fica assim protegida pela curva con-

tra os perigos exteriores. Para prova intuitiva, basta vér o simples gesto que faz o *chauffeur* da gravura junta e que resume por assim dizer toda a montagem.

Tambem se injecta a camara, mas é unicamente para estical-a. Não fica assim. Apenas ella está cheia, desapparece-se metade da peça C da valvula. O excesso d'ar escapa-se e só fica na camara o que lhe é preciso, isto é, ar á pressão atmospherica. Para em seguida se fazerem passar as orlas do protector e a jante, é essencial bater repetidas vezes com o ferro. Coloca-se este, como faz o *chauffeur* da figura junta, depois faz-se escorregar sobre a jante, puxando-o para cima até que se introduza entre o protector e a jante. Só então se deve empurrar a fun'õ para traz. E' sobre tudo isto que supprime o esforço. No *Salão do Automovel* fizeram-se montar no *Stand Michelin* pneus de todas as dimensões por aprendizes de 14 á 16 anos, pesando 33 e 43 kilogramas e tres reparaguinhas de 15, 16 e 18 anos, com 51, 50 e 48 kilogramas. Todos cinco montavam os 120, os 135 protectores lisos e *semelles* em menos de um minuto e sem a menor fadiga.